Discurso de Posse de Ary Bezerra Leite

Senhor Presidente do Instituto do Ceará, Dr. Lúcio Gonçalo de Alcântara, Senhoras e Senhores Consócios, Senhoras e Senhores convidados!

Ao pronunciar este discurso de posse como novo sócio efetivo, inspiro-me sobretudo no amor que dediquei praticamente durante toda minha vida à pesquisa do Cinema. As fontes são vastíssimas e a tarefa de separar-lhes os dados verdadeiros dos falsos, de corrigir-lhes as imprecisões e de agrupá-los de forma coerente é um desafio que sempre me encantou.

Mas, no trabalho de pesquisa ao qual me dediquei ao longo de todos esses anos, nunca assumi o Cinema apenas como uma simples fonte de informação. Mais do que isso, sempre mantive viva a percepção da Sétima Arte como fator de projeção da cultura cearense no Brasil e no mundo. Busquei, assim, resgatar os principais fatos e experimentações que por aqui aconteceram, mas sem jamais deixar de lado a força criadora e o perfil empreendedor tão peculiares ao nosso povo.

Creio que seja esse o principal ponto de contato entre o meu trabalho de pesquisa e a missão do Instituto do Ceará, como veículo divulgador dos fatos históricos a respeito do nosso Estado, o que me deixa à vontade para ilustrar essa visão comum com um breve roteiro de vida. Nesse roteiro íntimo e pessoal, quero citar alguns episódios marcantes que dividi com figuras ilustres que pertenceram ou ainda pertencem ao Instituto do Ceará, como forma de reverenciar as elevadas qualidades intelectuais e morais daqueles que, de alguma forma, projetaram em verdadeira dimensão a respeitabilidade desta Casa.

Um primeiro cenário me leva à escola primária, quando conheci o notável mestre, educador e poeta, bacharel em Direito, **Antônio Filgueiras Lima**, amigo dos meus pais Augusto Leite de Oliveira e Antônia Bezerra Leite, e que, como ele, foram nascidos em Lavras da Mangabeira.

Associado a Paulo Sarasate, Filgueiras Lima fundara em 1938, o Instituto Lourenço Filho, modelar estabelecimento de instrução inovadora por onde passaram os meus irmãos mais velhos e onde tive a honra de estudar. Filgueiras Lima, digno membro do Instituto do Ceará, seria depois meu companheiro de magistério no ensino superior.

Nascido em Fortaleza, passei aqui toda minha infância e adolescência. Nossa casa, na rua Padre Mororó, 959, entre as ruas Guilherme Rocha e Liberato Barroso, era cercada por famílias amigas que retornam na lembrança dos tempos de cadeiras nas calçadas e nas alegres reuniões de vizinhança. Foi nesse cenário que convivi com a contista Margarida Sabóia de Carvalho, minha querida professora particular, com cujos filhos me diverti nas inesquecíveis brincadeiras de rua, dentre os quais **Cid Sabóia de Carvalho,** depois bacharel em Direito, professor e jornalista, tornou-se membro e hoje integra o Instituto. Décadas mais tarde, reencontraria esse amigo de infância nas lides da radiofonia cearense.

Segui o caminho dos meus irmãos mais velhos, Almir e José, ingressando no Liceu do Ceará, onde conclui o Curso Clássico. Lembro-me do respeito que tínhamos pela figura brilhante do Linguista **Antônio Martinz de Aguiar e Silva**, catedrático da língua portuguesa que integrou as fileiras do Instituto do Ceará. Logo nas aulas inicias, disciplinados e nervosos, éramos sabatinados pelo mestre. Na carteira ao lado, sentavamse os gêmeos Tibério e **Caio Lóssio Botelho**. Mais tarde, Caio, que se tornaria sócio do Instituto do Ceará, projeta-se nos meios acadêmicos como geógrafo, professor e escritor de obras de grande repercussão internacional.

Dois outros contemporâneos do Liceu aparecem nas minhas lembranças: **Manuel Lima Soares** (Néo) e **Nilson Craveiro Holanda**, ambos saudosos membros desta Casa com quem compartilharia, décadas depois, diversos trabalhos culturais e profissionais.

No início dos anos 50, paralelamente aos estudos, ingressei profissionalmente na radiofônica cearense, com um programa diário de duas horas de duração. Na noite de 4 de abril de 1955, assisti atônito, ao lado de **Manuel Eduardo Pinheiro Campos**, ao incêndio do Majestic Palace. Pelos telefones dos pontos de "carros de aluguel", na Praça do Ferreira, "invadimos" o clássico horário da Voz do Brasil para narrar, em nome das emissoras Ceará Rádio Clube e Rádio Iracema de Fortaleza, a dramática ocorrência. Convivi muitos momentos com o notável radialista, escritor, historiador, teatrólogo **Eduardo Campos**, que presidiria mais tarde este Instituto.

Nas salas do IBEU, Instituto Brasil-Estados Unidos, como aluno de Inglês, participei entusiasticamente do Clube de Cinema de Fortaleza de Darcy Costa e Antônio Girão Barroso. Iniciei ali um trabalho de pesquisa histórica do cinema, ampliada pelo interesse mais amplo da história cultural de Fortaleza. Aprendi, desde então, a admirar o extraordinário trabalho desenvolvido pelo **Dr. Guilherme Studart (Barão de Studart)**, principal fundador desse Instituto, através do seu insubstituível livro "Datas e Fatos para a História do Ceará"; e por **Eusébio Néri Alves de Souza,** jornalista, historiador, teatrólogo e poeta, apaixonado pela Sétima Arte, a quem, inclusive, identifiquei como sendo o autor de uma introdução ao Cinema no Ceará, classificada, por ele mesmo, como *crônicas imprecisas*, publicada em 1931.

Frequentador das hemerotecas públicas e de periódicos locais, conheci pessoalmente dois admiráveis jornalistas, saudosos sócios do Instituto do Ceará, **João Hipólito Campos de Oliveira** e **Geraldo da Silva Nobre,** eles também pesquisadores nos acervos dos *Diários Associados* e da Biblioteca Pública do Ceará, importantes fontes de informação.

No início da década de 60, após haver concluído os cursos na Escola Brasileira de Administração Pública, da Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro, e na École Nationale de Administration, em Paris, recebi o convite para lecionar na recém-criada Escola de Administração do Ceará - EAC, na condição de primeiro professor formado em Administração a exercer essa profissão em Fortaleza. A Escola era dirigida então pelos historiadores e professores **Raimundo Girão,** que foi Prefeito de Fortaleza e 1º Secretário de Cultura do Estado, e **Mozart Soriano Aderaldo**, brilhante memorialista. Ambos nos legaram uma extensa documentação em obras inéditas e tiveram também a distinção de pertencer a esta Casa.

Convivi com outras personalidades da cultura cearense que faziam parte da congregação da EAC, dentre eles, os Professores **Antônio Filgueiras Lima**, meu educador na infância, **Paulo Fernandes Bonavides**, **Eduardo de Castro Bezerra Neto**, **Manuel Lima Soares**, e os Governadores **José Parsifal Barroso**, **Plácido Aderaldo Castelo** e **Virgílio de Moraes Fernandes Távora**, todos eles dignos sócios do Instituto do Ceará.

Em 1962, o Governador **Virgílio Távora** confiou-me a Diretoria Geral da Secretaria de Educação do Ceará, com responsabilidade de participar da comissão de reforma da Educação. Vivenciei então um vasto

projeto compartilhado com conceituados educadores, dentre os quais o sociólogo Professor **Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes**, que hoje reencontro por aqui e que foi peça-chave nesse capítulo de grandes mudanças nos paradigmas da gestão pública**.**

Nas duas décadas que se seguiram, tive inúmeros encontros com dignos sócios do Instituto do Ceará. No campo da pesquisa e preservação da memória, cito o exemplo admirável de total dedicação de **Miguel Ângelo de Azevedo (Nirez).** Na metodologia de trabalho, registro as lições amigas do saudoso professor, sociólogo e historiador **Abelardo Fernando Montenegro**. No setor de Administração e Planejamento, refiro-me à confiança do antigo colega de Liceu, **Antônio Nilson Craveiro Holanda**, então presidente do Banco do Nordeste, ao indicar-me para projetos de criação de bancos de desenvolvimento estaduais. Ao criar a Comunhão Espírita Cearense, estruturada como centro de estudo religioso e científico, registro a ajuda espontânea do Professor **Manuel Lima Soares**, e o apoio de amigos como o Professor Luciano Klein, cujo sucessor, **Professor Luciano Klein Filho**, herdeiro de suas qualidades morais e intelectuais, hoje integra o Instituto do Ceará.

Nos anos 90, a convite do poeta José Maria Barros Pinho, assumi o cargo de diretor da Secretaria de Cultura do Estado, sendo designado por dois períodos como membro do Conselho de Cultura do Estado do Ceará, integrado pelo poeta Antonio Girão Barroso, e pelos sócios do Instituto do Ceará, Professores **José Liberal de Castro**, **Mozart Soriano Aderaldo** e **Vinícius Antonius Holanda de Barros Leal.** A todos agradeço o apoio que ofereceram na feitura de meu primeiro livro – "Fortaleza e a Era do Cinema", registrado em reunião do Conselho pelo Professor **Mozart**. Foi valioso o acesso ao acervo bibliográfico do **Dr. Vinícius**, como também a orientação que continuamente me tem sido oferecida, até os dias atuais, pelo mestre Professor **Liberal de Castro**, um modelo de seriedade e

correção na pesquisa histórica. A ele devo também a identificação do naturalista, historiador, poeta e apaixonado abolicionista **Antônio Bezerra de Menezes,** como um dos personagens na história da fotografia do Ceará no século XIX, tema de meu próximo livro a ser lançado.

A afabilidade de todos esses ilustres consócios do Instituto do Ceará sugerem-me a reflexão sobre a grandiosidade da contribuição do fator humano nessa luminosa instituição cultural. Logo após o lançamento do meu livro – "Fortaleza e a Era do Cinema", **Eduardo Campos** telefo-

nou-me para transmitir os parabéns, seguindo-se o envio de exemplares de seus livros e disponibilização de outras fontes de pesquisa. Ao saber que publicaria um novo livro intitulado "História da Energia no Ceará", **Eduardo Bezerra Neto** enviou-me uma reprodução fotográfica de vista panorâmica da cidade de Fortaleza, aquarela de Reis Carvalho. **Liberal de Castro** concedeu-me horas de conversação que me ampliava a visão da nossa história. O escritor **Juarez Fernandes Leitão,** que me recepcionou neste ato solene, incluiu-me entre os homenageados em sua memória dedicada à Praça do Ferreira. Os professores **Paulo Elpídio de Menezes Neto** e **Clélia Lustosa Costa** e o Dr. **Lúcio Alcântara** transmitiram-me valioso estímulo quando prestigiaram com suas presenças algumas palestras que proferi. A Dra. **Angela Maria Rossas Mota de Gutiérrez**, gentilmente, atendeu-me um recente pedido, oferecendo-me uma foto e texto seus para o meu livro "A História da Fotografia no Ceará do Século XIX", que está no prelo. São esses breves registros que faço como reconhecimento a essa atitude cordial que dignifica a mais antiga Instituição cultural do Ceará.

É de meu especial agrado ainda relatar aqui a contribuição cultural do meu antecessor, o Professor **Antônio Cláudio Ferreira Lima,** economista que nos legou uma narrativa histórica do desenvolvimento do Estado em "A Construção do Ceará – Temas de história econômica". No meu roteiro de trajetória existencial, relembro a nossa frutífera convivência quando ele, Presidente do Instituto do Planejamento do Ceará - IPLANCE, coordenou a elaboração do Plano de Desenvolvimento

Sustentável, enquanto eu exercia a presidência da Comissão de Reforma Administrativa do Estado. A convivência dessas funções públicas estabeleceu entre nós um duradouro vínculo de amizade.

Um episódio traumático da história política brasileira marca bem o espírito abnegado de Cláudio Ferreira Lima em busca da verdade. Na manhã de 24 de agosto de 1954, a cidade soube do suicídio do Presidente Getúlio Vargas. A má notícia me veio no instante em que eu assumira a produção do noticiário da Rádio Iracema de Fortaleza, obrigando-me a adaptar toda a programação. Pois quis o destino que o afã de registrar aquele momento histórico sincronizasse nossas ações. Na mesma hora, o menino Cláudio, que cortava o cabelo quando também ouviu pelo rádio a trágica comunicação, saiu em disparada, foi ao quintal da casa, e anotou no muro, com um pedaço de carvão, a data do ocorrido... já sabendo que aquele episódio marcaria profundamente a sua própria vida e a de todos

os brasileiros. Meu antecessor confirmou essa estória anos depois, quando disse ao repórter Jocélio Leal, de "O Povo", que descobrira ali seu talento e seu destino. Dizia: "Sempre trabalhei com consciência histórica daquilo que estava fazendo. Por menor que fosse o acontecimento, sabia que teria algum significado final". Portanto, é nosso dever reverenciar hoje a memória do economista e historiador **Antônio Cláudio Ferreira Lima**, que faleceu a 30 de junho do corrente ano, e a quem prometo suceder no Instituto do Ceará com a mesma paixão pela história, pelo povo e pela terra cearenses.

Antes de concluir, quero registrar o apoio incondicional que tive da minha família, em especial da minha esposa e companheira de todas as horas, Maria Thelma Martins Leite, e de minhas filhas Thais e Ana Cristina. O tempo nos traz valiosas experiências, todavia, mais do que isso, nos coloca também a clara perspectiva do que seja fundamental; e, para mim, importa acima de tudo a noção de que, sem esse suporte familiar, eu jamais poderia estar aqui hoje recebendo esta comovente homenagem da qual me julgam merecedor.

Desejo expressar, finalmente, o compromisso de cumprir os deveres de Associado do Instituto do Ceará, de observar o seu Estatuto e o seu respectivo Regimento Interno, bem como empenhar-me pelo engrandecimento desta Casa. Aos amigos aqui presentes, em especial a todos aqueles que me concederam esta prestigiosa honraria, acolhendo a gentil proposição dos Professores **Luciano Klein Filho, Paulo Elpídio de Menezes Neto e Maria Clélia Lustosa Costa**, o meu muito obrigado!

(Discurso proferido na noite do dia 29 de novembro de 2018, ao tomar posse como Sócio Efetivo do Instituto do Ceará.)